

## O Castelo do Rei Sabá: patrimônios, geodiversidade e mitopoéticas no Município de São João de Pirabas (PA)

The Castle of King Sabá: heritage, geodiversity and mythopoetics in the Municipality of São João de Pirabas (PA)

Diogo Jorge de Melo\*

**Resumo:** O trabalho aborda diversas discussões patrimoniais acerca do Monumental Místico do Rei Sabá ou Castelo do Rei Sabá, em São João de Pirabas no Pará (Brasil), local que possui a exaltação e a conjugação de inúmeros elementos patrimoniais. Com isso, evocamos o patrimônio integral, abordando diversas instâncias tais como a do patrimônio natural, cultural, geológico e paleontológicos, bem como aspectos referentes a paisagem, geodiversidade e patrimônios, ressaltando as questões da religiosidade afrodiáspórica amazônica e suas mitopoéticas. Neste lugar considerado de encantaria, de morada de encantados, temos um monumento natural, uma rocha erodida que possui o formato de um homem sentado de forma contemplativa, cultuado como Rei Sabá ou Rei Sebastião. Também devemos destacar os aspectos paradisíacos do local e as rochas que formam esse complexo e fazem a alusão simbólica de um “castelo” ou “fortaleza” formada pelas rochas fossilíferas do Mioceno Inferior da Formação Pirabas.

Palavras-chave: Patrimônio, Encantaria, Religiões Afrodiáspóricas, Amazônia.

**Abstract:** The work addresses several heritage discussions about the Mystical Monument of King Sabá or King Sabá Castle, at São João de Pirabas in Pará (Brazil), that place has the exaltation and combination of numerous heritage elements. With this, we evoke the integral heritage, approaching different instances such as the natural, cultural, geological and paleontological heritage, as well as aspects related to landscape, geodiversity and patrimones, emphasizing the issues of amazonian afrodiásporic religiosity and its mythopoetics. In this considered enchanting place, of enchanted abode, we have a natural monument, an eroded shaped rock like a contemplatively sitting man, worshiped as King Sabá or King Sebastião. We must also highlight the paradisiacal aspects of the place and the rocks that form this complex and make a symbolic allusion to a “castle” or “fortress” formed by fossiliferous rocks from the Lower Miocene of the Pirabas Formation.

Key-words: Heritage, Enchantment, Afrodiásporic Religions, Amazon.

### Introdução

Em 2016 tivemos a oportunidade de acompanhar uma das manifestações culturais das religiões afrodiáspóricas da região amazônica, a festividade do Rei Sabá, ocorrida na Ilha de Fortaleza no Monumental Místico do Rei Sabá, Município de São João de Pirabas, no Pará (Figura 1 e 2). Manifestação esta que se encontra em uma

---

\* Professor do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, coordenador do Museu Virtual Surrupira de Encantarias Amazônicas. Doutor em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO e MAST e Ensino e História de Ciências da Terra pela UNICAMP. E-mail: [diogojmelo@gmail.com](mailto:diogojmelo@gmail.com)

localidade paradisíaca, com grande beleza natural e por ainda não ter sofrido grandes impactos em decorrência da expansão imobiliária e urbana.

O município de São João de Pirabas localiza-se no nordeste do estado paraense, em uma área denominada de “Salgado”, por ser banhada pelo Oceano Atlântico, estando adjacente a foz da Bacia Hidrográfica do Amazonas, sendo caracterizada por uma diversidade de ambientes estuarinos, com diversos canais de maré, ilhas e dunas (Figura 1, 2 e 3). Devemos destacar que essa região é demarcada por incontáveis afloramentosossilíferos, pertencentes a Formação Pirabas de idade Mioceno Inferior (cerca de 23 milhões de anos) e o Monumental Místico do Rei Sabá se encontra em um desses afloramentos.

Temos assim uma região que se configura em paisagens com diversas características inusitadas, além de outras singularidades somadas a questão paleontológica, que nos possibilita elucidar o patrimônio de maneira integral, principalmente destacando conjugações entre as questões naturais e culturais. Há aspectos que nos permitem evidenciar outras elucidaciones, como as ligadas com as religiosidades afrodiáspóricas amazônicas, a fim de integrar mais percepções a esse leque de diversidades patrimoniais.

A partir do exposto, delimitamos o objetivo deste trabalho na possibilidade de apresentar e compreender diversas relações patrimoniais de maneira integral, conjugando-as e compreendendo-as por meio de suas singularidades, que demarcam e evidenciam a importância desta localidade, dando ênfase também nas questões mitopoéticas ligadas as religiosidades afro-amazônicas locais. Trazemos assim um relato de nossas experiências na localidade, realizadas no dia 20 de janeiro de 2016, durante a festividade do Rei Sabá e o nosso retorno à localidade no dia 30 de novembro 2021, data em que São João de Pirabas comemorava outra festividade, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Deste modo, o trabalho se articula entre as discussões patrimoniais que se somam a nossos relatos, descritos conforme os moldes etnográficos, por evidenciar e relatar experiências vividas.

Serão apontadas diversas mitopoéticas associadas a esta localidade, evidenciando aspectos do imaginário e do sagrado, para melhor compreender o Monumental Místico do Rei Sabá como um lugar de encanto, de morada dos encantados. Nosso interesse pela localidade se deu porque sempre escutávamos relatos desta festividade nos terreiros de Umbanda e Tambor de Mina na cidade de Belém (PA), os quais a mencionavam como um lugar de grande beleza e, segundo seus frequentadores, de intensa energia.

Tais narrativas evidenciavam uma peregrinação destes religiosos para esta localidade no dia 20 de janeiro de cada ano, em uma atividade que parecia ter grande apoio político da prefeitura local, aparentemente estando em ressonância com um projeto de potencialização turística da região. Também não podemos deixar de evidenciar que já conhecíamos a região em decorrência dos fósseis, inclusive sabendo da existência dos afloramentos fossilíferos na Ilha de Fortaleza.

Devemos destacar que o Monumental Místico do Rei Sabá no momento de nossa primeira visita era composto por um afloramento de rochas calcárias da Formação Pirabas, compondo-se em um platô em que as rochas na parte superior formam um monumento natural rochoso, aludindo ao formato de um homem sentado, o qual é reconhecido por ser o Rei Sabá petrificado. Um encantado associado ou até mesmo sincretizado com o Rei Sebastião, monarca português que desapareceu na batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, em 1578, e que as religiões afrodiáspóricas amazônidas cultuam como sendo um dos seus gentis, senhores de toalha ou vodunços<sup>1</sup>.

Também devemos destacar que Rei Sebastião é uma entidade que vem em rituais de pajelança cabocla, de onde provavelmente se fez integrar ao panteão do Tambor de Mina, se juntando a outros reis, nobres e caboclos (LUCA, 2010). Outra concepção é que os afroreligiosos ligados à Umbanda também tendem a fazer uma associação do rei com o santo católico São Sebastião. Fato evidenciado pela própria data da festividade, que é a mesma do santo católico. Cabe destacar que no Tambor de Mina, Rei Sebastião normalmente é associado a Xapanã, entidade ligada a doenças e cura, equivalente a Sakpatá e Omulu, diferentemente da Umbanda que o associa ao santo católico e ao orixá Oxóssi (PARÉS, 2016; JAGUN, 2017; MELO, 2020).

Rei Sebastião, guerreiro militar  
É Xapanã, ele é pai de terreiro  
Ele é guerreiro  
Nessa guma imperial

Na ocasião da nossa primeira visita ao Monumental Místico do Rei Sabá, faziam parte do complexo imagens de entidade em escala humana, nominadas normalmente pelos religiosos como “vultos”, sendo representações dos turcos encantados, as Caboclas Jarina e Mariana e o Zé Raimundo<sup>2</sup>, além da orixá Iemanjá, considerada a rainha do Mar, no Brasil. Na parte superior da localidade era possível encontrar um

---

1 Categorias das entidades cultuadas, que abrigam representações da realeza e nobreza africana e europeia.

2 Entidade associada a família de Légua ou do Codó, mas sua mitopoética coloca sua origem como sendo da Família da Turquia.

assentamento para o orixá Oxumaré, equivalente ao Vodum Dã, entidade de grande importância e destaque no Tambor de Mina (Figura 3, 4 e 5). Em outra parte do afloramento rochoso encontrava-se outro monumento natural rochoso, o coração da princesa, composto de um fragmento de rocha que aludia ao formato de um coração (Figura 6).



**Figura 1** Localização da Ilha de Fortaleza pertencente ao Município de São João de Pirabas (PA), onde se localiza o Monumental Místico do Rei Sabá. Fonte: Imagem produzida a partir do Google Maps.



**Figura 2** Fotografia panorâmica tirada da parte mais alta do Monumental Místico do Rei Sabá em momento de maré vazante. Fonte: Fotografia de Diogo Melo, acervo do Museu Surrupira, 2016.

## **Patrimônio integral, geodiversidade, fratrimônio e mitopoéticas**

A complexidade descrita do Memorial Místico do Rei Sabá nos conduz fortemente para a percepção dos patrimônios de maneira integral ou integrada, uma concepção que se tornou evidente na Museologia a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile, que ocorreu em maio de 1972, organizada pelo *International Council of Museums* (ICOM) conjuntamente com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Encontro este que trouxe para o debate discussões referentes a concepção de meio ambiente integrado às questões culturais, exaltando a importância do contexto e da complexidade das diversas relações existentes ao se abordar questões de patrimônio.

Aspectos este que também esteve em discussão na I Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano em Estocolmo Suécia, realizada em junho do mesmo ano, num encontro que proclamou que seres humanos são simultaneamente criatura e criador do seu ambiente, de onde provê seu sustento físico, intelectual, moral, social e espiritual, sendo ele essencial para o gozo dos direitos humanos e direito à vida. Ressaltamos também que em novembro de 1972 a UNESCO, em sua conferência geral, apresentou a Convenção para a Proteção do Patrimônio Natural e Cultural, mais conhecida como Convenção do Patrimônio Mundial, abordando a questão a partir de uma perspectiva universal, no sentido de busca de interesses comuns (SCHEINER, 2012).

Em decorrência deste e de outros fatos, Teresa C. Scheiner (2012) considerou que o ano de 1972 foi “[...] atravessado por discussões sobre a temática da responsabilidade dos governos e das agências promotoras do desenvolvimento sobre o bem-estar da sociedade humana, em todas as dimensões de sua relação com o Real [...]” (SCHEINER, 2012 p.22). Logo, considera que as premissas da Mesa Redonda de Santiago do Chile não foram novidades postas, mas um reflexo em sintonia com o que estava sendo discutido mundialmente e que ganhou força a partir de reivindicações dos profissionais de museus latino-americanos. Isto fez surgir contextualmente as acepções de Museu Integral e Patrimônio Integral, configuradas como uma percepção da complexidade existente ao se lidar com as questões patrimoniais, que não devem ser encaradas como pontuais e isoladas e sim como complexos de processos que não possuem fronteiras.

Devemos também mencionar as compreensões sobre o conceito de patrimônio relativos aos contextos naturais, uma vez que aqui estamos abordando questões relacionadas a geodiversidade e aos patrimônios geológicos e paleontológicos.

Conceitos que ganharam notoriedade a partir da década de 1980 com a aproximação da Geologia com as demandas sociais, conjuntamente com os estudos ambientais, agregando conceitos como a exaustão de recursos ambientais, ética e sustentabilidade. Deste modo, a geodiversidade é compreendida como uma manifestação em “[...] ambiente natural, por meio das paisagens e das características do meio físico dos locais em que vivemos [...], na medida em que dela extraímos as matérias-primas vitais para a nossa sobrevivência e desenvolvimento social [...]” (SILVA *et al.*, 2008, p.182).

Neste contexto não devemos deixar de apontar a Declaração Internacional de Direitos à Memória da Terra, conhecida também como Carta da Terra, produzida em 1991 em Digne-Les-Bains, França, no Primeiro Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico – “Nossa história e a história da Terra estão intimamente entrelaçadas. As origens de uma são as origens de outra. A história da Terra é nossa história, o futuro da Terra será nosso futuro” (WINGE *et al.*, 2009, s/p.). Documento que apresenta os seres humanos como diretamente ligados a Terra e conseqüentemente a sua memória, que deve ser entendida, valorizada e estudada. Foi a partir deste documento que se ganhou força a aceção de patrimônio geológico, sendo compreendido como conjunto de elementos constituintes da geodiversidade e dotados de valores superlativos no sentido de sua representação na história evolutiva do nosso planeta, com significância científica, pedagógica, cultural e turística. Ideias que se atrelaram as concepções de geoconservação, no sentido de manutenção ou preservação destes patrimônios (PEREIRA *et al.*, 2016).

A partir deste complexo de conceitos envolvendo patrimônios, aqui compreendidos de maneira integral, pensamos em suas diversas possibilidades de conjugações, representadas pelas práticas e relações de afetividades culturais, principalmente as afrodiaspóricas, relacionadas ao Monumental Místico do Rei Sabá. Isto evidencia a sua importância mitopoética em seu contexto imaginário, para que possamos entendê-lo como o “Castelo do Rei Sabá”, uma compreensão simbólica e mitopoética deste patrimônio.

Devemos ressaltar que compreendemos a mitopoética como uma percepção estabelecida a partir dos estudos do imaginário, relacionadas às atividades de reconstrução e transformação do real, pela produção de significado dos acontecimentos, os quais nos auxilia a compreender múltiplas dimensões, atreladas a criatividade e, conseqüentemente, o fazer poético. Possibilitando-nos um mergulho nas percepções de produção dos afetos e das pulsões de desejo que se fazem presentes nas relações sociais (POSTIC, 1993; MELO *et al.*, 2021).

Com isso, evocamos conjuntamente a concepção de *fratrimônio*<sup>3</sup>, um conceito que foi apresentado por Mario Chagas (2003; 2016) e posteriormente debatido por Melo (2020) e Melo e Faulhaber (2021). Portanto, somos conduzidos a uma acepção que exalta as relações afetivas e conflituosas, as quais muitas vezes se encontram apagadas quando lidamos com o conceito de patrimônio, e que buscam distintas formas de percepção do mundo, exaltando outros saberes, como o do *ubuntu*<sup>4</sup> e do bem viver<sup>5</sup>. Com isso, o termo nos faz evidenciar processos ocultos, principalmente os referentes a estruturas de dominação colonial vigente no sistema mundo e antirracistas, nos conduzindo para outras relações e percepção de mundo. No caso específico deste trabalho, trazendo as potencialidades dos protagonismos das religiosidades afrodiáspóricas amazônidas.



**Figura 3** Vistas do Monumental Místico do Rei Sabá. A) visão geral do afloramento da Formação Pirabas e monumento natural do Rei Sabá. B) Monumento natural do Rei Sabá. C) Foto do autor com a Cabocla Juliana incorporada em Pai Pingo de Oxumaré. D) Assentamento de Oxumaré, na parte mais alta da localidade. Fonte: fotografias de Diogo Jorge de Melo e Ive Livia de Souza Azevedo, 2016.

<sup>3</sup> Conceito cunhado para romper uma lógica patriarcal, presente no prefixo “patri”, substituindo-o e exaltando a questão fraternal.

<sup>4</sup> Acepção filosófica africana, provavelmente originada da civilização egípcia que se encontra difundida por grande parte do continente africano e que resumidamente se estabelece em uma ideia de “humanidade para com os outros” (LUZ, 2014).

<sup>5</sup> Termo cunhado a partir das populações indígenas, que se relaciona com a qualidade de vida e remete a questões como espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política e ética, sendo considerado um contraponto à crise civilizatória do mundo global. Uma visão holística da relação dos seres humanos com a terra e a natureza e das relações entre o mundo natural e sobrenatural (LIMA, 2019).

## Patrimônio Geológico e Paleontológico no Monumental Místico do Rei Sabá

O nome São João de Pirabas, segundo a prefeitura do município<sup>6</sup> se refere a devoção que existia ao santo e a ocorrência abundante de um peixe na região, chamado de piaba ou piraba. Justamente neste município que se encontra a Ilha de Fortaleza e nela a Praia do Castelo, um dos principais afloramentos da unidade geológica conhecida como Formação Pirabas e o Monumental Místico do Rei Sabá.

A Ilha de Fortaleza é uma localidade fossilífera registrada por Ferreira Penna (1876) ao realizar atividades sobre a zona fisiográfica do Salgado, Nordeste do Pará, em busca de sítios arqueológicos (Sambaquis), quando identificou grande ocorrência de fósseis moluscos na localidade de Ponta da Fazenda. Material foi coletado e enviado para o paleontólogo Charles A. White que os descreveu e os classificou na monografia “Contribuições à Paleontologia do Brasil” (WHITE, 1887).

No entanto, o trabalho acadêmico que demarcou os estudos sobre a Formação Pirabas e que definiu os afloramentos da Ilha de Fortaleza como seção tipo desta unidade litoestratigráfica foi o de Carlotta Joaquina Maury (1925), que descreveu inúmeras espécies e definiu sua idade miocênica como o limite sul da província paleobiogeográfica caribean. Devemos destacar que existem dois locais principais de afloramento da Formação Pirabas na Ilha de Fortaleza, a Ponta da Fazenda e a Ponta do Castelo, onde se encontra o Monumental Místico do Rei Sabá, localidades que estão separadas por aproximadamente 2km de distância (TÁVORA et al., 2002).

A Formação Pirabas é composta por rochas sedimentares calcárias de origem marinha, datadas do Mioceno Inferior, cerca de 23 milhões de anos, que ocorrem no Pará, Amapá, Maranhão e Piauí, sendo as principais ocorrências na região nordeste do Pará. Demarcada por superposição de fácies costeiras, contendo fósseis que a subdividem em três fácies ecológicas – Castelo, representando um sistema de mar aberto, Capanema o de uma laguna e Baunilha Grande de um paleoambiente de mangue (TÁVORA et al., 2009).

Tal é a relevância da geodiversidade da Formação Pirabas, que dois sítios paleontológicos e paleoambientais foram registrados pela Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), sendo eles a Mina B-17, referente a fácies Capanema (TÁVORA et al., 2009) e os da Ilha de Fortaleza (TÁVORA et al., 2002). Devemos evidenciar que os afloramentos encontrados nesta Ilha se caracterizam como paleoambientes marinhos de águas neríticas, quentes, agitadas e rasas, com salinidade

---

6 Site da Prefeitura de São João de Pirabas - <https://saojoaodepirabas.pa.gov.br/o-municipio/historia/>.



normal ou pouco elevada, correspondentes as fácies Castelo. Com isso temos na localidade uma potencialidade de estudos sobre o passado geológico da Terra, através do registro fossilífero, o qual possibilita que a Paleontologia e a Geologia compreendam melhor a história evolutiva e ambiental da Terra. No entanto, devemos compreender que a ocorrência de fósseis também pode fornecer outras constituições e interpretações, como apresentaremos posteriormente, servindo de base interpretativa para outras concepções culturais não acadêmicas.

Com relação ao patrimônio cultural, Távora (et al., 2002) ao descrever os sítios fossilíferos da Ilha de Fortaleza, tece alguns breves comentários que nos fornece um ponto de partida para nossa discussão:

Rituais periódicos de candomblé eram praticados por moradores das redondezas, que tinham na localidade Ponta do Castelo um lugar para cerimônias de oferendas aos seus caboclos. Em 1997 instalou-se na ilha uma colônia de nudismo liderada por alguns naturistas; entretanto, por pressões da população de São João de Pirabas, tal colônia foi desativada. (TÁVORA et al., 2002, p.)

Comentário que não se aprofundou na complexidade cultural existente desta localidade, e generaliza as comunidades de terreiro, pois os praticantes de Candomblés<sup>7</sup> são os que tem a menor ligação simbólica com a localidade, sendo ela mais representativa para o Tambor de Mina, Pajelança Cabocla e Umbandas. Fato que nos mostra como trabalhos sobre patrimônio, com um olhar específico, podem acabar por omitir ou esconder a diversidade e a complexidade de outras questões simbólicas envolvidas, por possuírem um olhar muito direcionado em apenas uma área.

Com isso, trazemos o relato de Anaíza Vergolino-Henry (2008), que descreveu a inauguração do Monumental Místico do Rei Sabá e nos traz diversas questões socioculturais a serem consideradas para a explicação do relato anterior. A autora narra que em 2001 o monumento natural do Rei Sabá foi vandalizado, tendo sua suposta cabeça arrancada, como se o rei tivesse sido degolado. Vandalismo que nunca teve o responsável identificado, mas apontou as seguintes questões:

Em Belém, falou-se que era obra dos “crentes” (evangélicos), na sua cruzada contra os “encostos”, termo com que se referem a toda e qualquer entidade reverenciada nos cultos de matriz afro. Em Pirabas, desconfiava-se de uma “gringa” ou dos “gringos”, moradores de uma colônia de nudismo, localizada no outro extremo da ilha. Os “gringos” teriam como plano afugentar visitantes e sobretudo potenciais habitantes daquela natureza virgem; também dizia-se que eles

<sup>7</sup> Provavelmente os autores usaram o termo “candomblé” de maneira genérica, no entanto, a terminologia se refere a diversos segmentos religiosos afro-diaspóricos, por isso usamos o termo no plural.

queriam construir ali seu próprio Monumental, certamente “à la Nova Era”. (VERGOLINO-HENRY, 2008, p.139-140)

Devemos compreender que esse vandalismo serviu como um evento motriz para articulação das comunidades de terreiro evidenciarem o Rei Sabá como uma instância patrimonial e a consolidação no complexo denominado como Monumental Místico do Rei Sabá, no ano de 2002. Neste caso houve uma reivindicação popular sobre este monumento natural e, conseqüentemente, uma articulação com a prefeitura de São João de Pirabas, que comprou essa proposta, provavelmente por estar empenhada em um projeto<sup>8</sup> político de consolidação turística do município.

Ainda segundo Anaíza, o prefeito na ocasião era João Batista Rufino Moysés, um empresário da pesca, que segundo a imprensa local era reconhecido por não usar carros públicos, não ser adepto de solenidades, de discurso e comitivas e que gostava de fazer festas para o povo. Aspecto que ressalta um perfil de aproximação política com o povo e que sem dúvidas deve ter favorecido a articulação da inauguração do Monumental Místico do Rei Sabá.

Devemos destacar que a principal instância local das comunidades de terreiro foi a Sociedade Unidade Rei Sabá, que era presidida por Pedro da Conceição Pedrosa, na época da inauguração do memorial estava com 46 anos, tinha sido funcionário da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará (FEUCABEP), o que demonstra uma experiência e vivência articuladora com as instancias políticas. A principal função desta sociedade era a da organização das festividades do Rei Sabá, que antes da articulação com a prefeitura já levava cerca de duas centenas de pessoas para o local (VERGOLINO-HENRY, 2008).

Tal articulação, entre comunidade de terreiros, encabeçada pela Sociedade Unidade Rei Sabá, e a prefeitura de Pirabas permitiu uma ampla divulgação em diversas instâncias midiáticas, como diversas propagandas na televisão e jornais sobre o evento, que aconteceria no dia 20 de janeiro de 2002 e que levou a participação de cerca de duas mil pessoas, inclusive diversas autoridades, para a inauguração do Monumental Místico do Rei Sabá.

Obviamente, a inauguração do Monumental, como desagravo, podia ser vista como uma jogada de marketing político no momento em que uma expressão da cultura (religiosidade) popular entrava no circuito

---

<sup>8</sup> O conceito de projeto aqui é utilizado com base nas perspectivas teóricas apontadas por Gilberto Velho (1997).

comercial como produto turístico (VERGOLINO-HENRY, 2008, p.140-141).

O relato sobre a inauguração do Monumental Místico do Rei Sabá nos apresenta claramente diversas instâncias de poderes presentes acerca destes patrimônios, configurando um cenário de disputas políticas e sociais que intermediam as potencialidades constitutivas e destrutivas para a legitimação de um espaço como sendo um patrimônio ou não. Aspecto que deve ser levado em conta ao se pensar em uma perspectiva integral de patrimônio, pois esses processos nem só se constituem de exaltações, mas normalmente se dão em instancias de disputa.

No caso do Monumental Místico do Rei Sabá, encontramos uma reivindicação popular das comunidades de terreiro, encabeçada pela Sociedade Unidade Rei Sabá, somada ao projeto político da prefeitura de São João de Pirabas e instâncias de contrapoderes que buscavam a não legitimação do espaço como patrimônio e o seu apagamento como um lugar de memória<sup>9</sup>. Destas relações conflituosas podemos destacar três instancias apresentadas na narrativa: os agentes do vandalismo, que nunca foram identificados; os evangélicos, em um sentido de um racismo religioso<sup>10</sup>; e as disputas do espaço com os “gringos” da colônia de nudismo.

### **Visitando o Castelo do Rei Sabá**

Adentrando em nosso relato de experiência no Monumental Místico do Rei Sabá, a viagem de ida foi bem conturbada no sentido que estávamos tentando recolher diversas informações sobre as festividades do dia 20 de janeiro. No dia anterior tivemos uma visita a um festejo da Cabocla Jarina em Belém e no dia 20 tínhamos que estar presentes durante a noite no festejo do Terreiro Dois Irmãos, que homenagearia Rei Sebastião. Logo, não conseguimos participar das atividades anteriores em São João de Pirabas, mas sabemos que ocorreram diversas palestras, com a presença de Pai Tayandô, além de outros pesquisadores que nossas fontes orais não souberam identificar. No dia da festividade eu e minha bolsista de extensão (Ive Lívia de Souza Azevedo) madrugamos na estrada em direção a São João de Pirabas, conforme as

---

<sup>9</sup> Termo utilizado a partir da concepção de Pierre Nora (1993).

<sup>10</sup> Usamos a terminologia “racismo religioso” ao invés de “intolerância religiosa”. Devemos destacar que existem fortes conflitos entre esses diversos segmentos religiosos e que não podemos deixar de demarcar. Por exemplo, testemunhei em diversas ocasiões, como durante caminhadas sociais por reivindicações por direitos sociais, como a realizada pelas religiões afrodiáspóricas em 2015, na cidade de Belém (PA), onde ocorreram ataques verbais e atitudes desagradáveis, como fazerem um corredor humano de louvação, como se tivessem fazendo um exorcismo, e até colocarem bíblias abertas ao longo do caminho por onde os afroreligiosos iriam passar. Atitudes que demarcam o “racismo religioso” e que não podemos deixar de evidenciar.

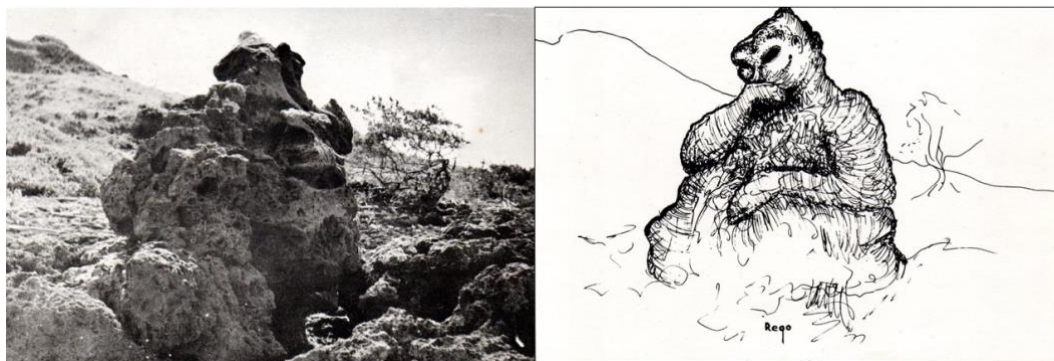
orientações fornecidas por Pai Pingo de Oxumaré (João da Silva Lima Filho), pai de santo de Umbanda em Belém, mas que possui casa e familiares no município de Pirabas.

Ao chegar na cidade de São João de Pirabas soubemos que Pai Pingo já tinha realizado a travessia e conseguimos fazer o mesmo, arrumando vaga em um dos últimos barcos a fazer esse percurso, já que a travessia depende da maré alta. Ao desembarcarmos na Ilha de Fortaleza nos deparamos com alguns quiosques e uma quantidade considerável de pessoas que bebiam e se divertiam ao som de músicas de aparelhagem, muito populares na região, tal como descrito por Anaíza Vergolino-Henry (2008).

Lá nos informaram que o Monumental Místico do Rei Sabá ficava mais adiante e que teríamos que fazer uma boa caminhada pela praia, que nos permitiu aos poucos visualizar o “Castelo do Rei Sabá” ou o afloramento geológico da Formação Pirabas, com a figura petrificada do Rei (Figura 3 e 4).

Ao chegarmos, percebemos que a rocha monumento ou o encantado se configurava em uma composição rochosa mais escura, o que nos indica ser pertencente a uma camada superior e bem diferenciada das rochas fossilíferas, tendo essa camada sido fortemente erodida. Abaixo tínhamos um platô de rochas, que davam a percepção de que o monumento do Rei Sabá se encontrava em cima de uma fortaleza, uma fortificação ou até mesmo um castelo. Inclusive acreditamos que este possa ser um dos motivos da denominação da ilha (Fortaleza) e da localidade (Castelo), seja pelo fato da ilha se comportar como uma barreira natural entre o oceano e a cidade de Pirabas ou que o platô de rochas fossilíferas façam alusão a uma muralha. Concepção que nos é corroborada pela percepção descrita por José de Moraes Rego (1983), que comentou:

[...] Acreditamos que o nome Castelo, dado ao lugar, seja decorrente a própria encantaria, de vez que se diz “ir ao Castelo do Rei Sabá”. O acidente natural, onde fica a referida pedra, apresenta uma característica interessante: há um platô de pedras mais ou menos da mesma altura, no qual se destaca, bem no meio, uma pedra maior que, vista de certo ângulo, tem a forma de um homem sentado, em atitude de meditação. Aliás, pelo que percebi, cada um “sente” ou vê a figura do Rei, ao seu modo [...] (REGO, 1983, p.55-56 – Figura 4)



**Figura 4** Foto da década de 1980 da pedra do Rei Sabá e desenho esquemático feito pelo pesquisado e artista José de Moraes Rego, segundo ele, ressaltando seu aspecto antropomorfo. Fonte: Rego (1983).

No Castelo do Rei Sabá encontramos Pai Pingo de Oxumaré incorporado com a Cabocla Juliana, uma princesa da encantaria que nos recebeu calorosamente e logo nos foi apresentando o Monumental Místico do Rei Sabá e tudo que poderíamos encontrar por lá (Figura 3 e 5). As entidades caboclas presentes como vultos que foram ali colocados pela prefeitura, sendo elas representações das princesas turcas Cabocla Jarina e Mariana, que sabemos serem aparentadas na encantaria com a Cabocla Juliana<sup>11</sup>, e o Caboclo Zé Raimundo, um dito turco que se amigou com a família da encantaria do Codó ou de Légua, nomeação referente a um dos seus patriarcas Légua Boji Buá da Trindade. Com relação aos orixás tínhamos a imagem de lemanjá, aspecto que de maneira geral é comum ao longo do litoral brasileiro, já que é a entidade referenciada como a “rainha do mar” (Figura 5) e em uma parte mais elevada encontrávamos um assentamento<sup>12</sup> do orixá Oxumaré, que segundo Pai Pingo, que testemunhou a ritualística foi realizada por um pai de santo da Bahia.

<sup>11</sup> Com relação as relações familiares da Cabocla Juliana no Tambor de Mina, já escutamos que ela pertence à Família da Bandeira, do Codó, mas a que parece ser mais difundida é que ela seria uma turca, prima de Mariana.

<sup>12</sup> Ritualística afrodiáspórica que sacraliza objetos, fazendo com que os orixás ou entidades passem a morar neles.



**Figura 5** Vultos que se encontravam dispostos ao longo do Monumental Místico do Rei Sabá. Da direita para esquerda Cabocla Jarina, Cabocla Mariana, Caboclo Zé Raimundo e Iemanjá. Fonte: fotografias de Diogo Melo, 2016.



**Figura 6** A) Monumento rochoso nominado de Coração da Princesa em 2016. B) Fóssil *in situ* de gastrópode atribuído a espécie *Turbinella tuberculata*. Fonte: Fotografias de Diogo Melo, 2016.

Com relação a todas essas entidades encantadas, vamos traçar diversas considerações, iniciando com o próprio Rei Sabá. Sabemos que, simbolicamente, nas narrativas este encantado se confunde com o Rei Sebastião, divindade cultuada na Pajelança e no Tambor de Mina e como mencionado anteriormente é associado a Xapanã, que os umbandistas o colocam também como São Sebastião, aproximando-o ao orixá Oxóssi<sup>13</sup> devido o sincretismo e, conseqüentemente, com os encantados indígenas, chamados de juremeiros<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Entidade nagô, com arquétipo de caçador e que representa a fartura. Na diáspora se conjugou fortemente com as representações simbólicas indígenas.

<sup>14</sup> Juremeiros se refere a um lugar sagrado espiritual ou encantado chamado de Juremá, onde vivem os caboclos índios encantados, tal como a Cabocla Jurema.

Existem narrativas que trazem a percepção de Rei Sabá e Rei Sebastião serem a mesma entidade e outras os colocam como encantados distintos. Por exemplo, José de Moraes Rego (1983) em seu livro “Litolatria: culto das pedras no Pará”, mencionou que:

[...] Poderíamos considerar Sabá, como sendo uma corruptela de Sebastião. Aliás, Sabá costuma mesmo ser apelido de Sebastião. Assim, poderíamos ter o Rei Sebastião. Quem seria o Rei Sebastião? Seria alguém relacionado com o Rei Dom Sebastião de Portugal? Ou seria uma entidade a mais da encantaria pertencente ao grupo da chamada “Gente Fina”. Onde são incluídas entidades com característica de realeza ou com traços de nobreza? Ou seria o São Sebastião da hagiologia católica? [...] (REGO, 1983, p.131-132)

O Dom Rei Sebastião, vodunço, gentil ou senhor de toalha do Tambor de Mina é considerado o rei português que se encantou na batalha de Alcácer Quibir e que teria passado por diversas localidades e por fim teria fundado sua cidade ou cidades na encantaria da Praia do Lençol no Maranhão, pois segundo muitos é a maior e mais importante cidade encantada (LUCA, 2010), existindo muitas outras relacionadas a ela. A pedra do Rei Sabá seria uma delas, assim como as encantarias da Ilha do Maiandeuá (PA) e do arquipélago do Marajó (PA).

Inclusive temos conhecimento de narrativas no âmbito das conquistas de Rei Sebastião na encantaria, uma delas é de que ele teria disputado poder com a própria Cobra Norato e por ter vencido, ocupou seu território. São muitas histórias e tradições que envolvem esse encantado, que é posto como o grande patriarca da dita Família do Lençol, do qual a Cabocla Jarina seria uma princesa agregada, muitas vezes cantada como filha de Rei Sebastião. Destacamos que muitos falam que Dom Sebastião não teve filhos legítimos e outros narram que Jarina é uma das filhas do Rei da Turquia, que de certa forma se agregou a Família do Lençol, sendo adotada por Rei Sebastião (FERRETTI, 2000; PRANDI e SOUZA, 2004; MELO, 2020). No Maranhão costuma-se falar que, ao se desencantar, sua cidade se soerguerá do fundo e destruirá muitas coisas, como cantado nos terreiros.

Rei é Rei...  
Rei Sebastião  
Quem desencantar Lençol  
Põe abaixo o Maranhão

Conforme Reginaldo Prandi e Patrícia R. de Souza (2004) o nome desta família é uma referência a Praia do Lençol, onde se acredita ter vindo parar o navio de Rei Sebastião após seu encanto na batalha de Alcácer Quibir, uma família que abriga

diversos reis e nobres, nominados de gentis. Dentre eles Dom Luís, Dom Manuel, Dom José Floriano, Dom João Rei de Minas, Dom João Soeira, Rainha Bárbara Soeira, Rainha Dina, Rainha Rosa, Rainha Madalena, dentre muitos outros que somam uma forte representatividade das cortes europeias, mas que se comungam simbolicamente como e com as realezas africanas, principalmente do Daomé (MELO, 2020).

Segundo Gerson Santos e Silva (2007), que historicizou o mito do Rei Sabá em São João de Pirabas, o compreendeu a partir de duas figuras encantadas distintas, referentes a dois momentos históricos diferenciados de seu culto. Menciona ter existido primordialmente o culto do Rei ou Velho Sabá, mais antigo, antes da década de 1940, e posteriormente ocorreu a aproximação com o culto de Rei Sebastião. Concepção que ganhou força com a maior apropriação da localidade pelas religiões afrodiáspóricas.

Acreditamos que esta acepção inicial seria similar ao que João do Rio (2015) descreveu no Rio de Janeiro como o “O Culto do Mar” no início do século passado. Um culto não normatizado de caiçaras ligado a místicas da natureza, como o mar e a lua, com forte relação com a mãe do mar, lemanjá. Podemos também referenciar o relato de Pai Pingo, o qual nos comentou que a encantaria pertence a Rei Sebastião, mas que este colocou o Rei Sabá para tomar conta, sendo ele um representante do monarca, como um vice-rei responsável por aquela localidade encantada.

Encontramos relatos e narrativas que associam o Rei Sabá a grupos indígenas como o do jornal “O Liberal” de 02 de fevereiro de 1999, o qual mencionou que o Rei Sabá era o chefe de uma aldeia indígena próspera que viveu na localidade, mas que teriam sido dizimados por uma doença desconhecida. Tendo sido o último sobrevivente, se sentou na beira da praia de maneira contemplativa até virar pedra (SILVA, 2007).

Ainda segundo Gerson Santos e Silva (2007) o processo que associou o Rei Sabá ao Rei Sebastião poderia estar relacionado as rotas marítimas que existiram entre o Pará e o Maranhão, que eram realizadas pelos pescadores e que intercruzaram imaginários do Rei Sabá com o do Rei Sebastião. Uma proposição que consideramos ser bem provável, inclusive se consideramos as distâncias relativamente próximas entre as duas localidades. Não deixando de destacar que existe também diversas narrativas sobre Rei Sebastião na Ilha do Maiandeuá<sup>15</sup>, pertencente ao município de Maracanã (PA).

Em nossa estada mais recente em Pirabas, Pai Pingo e seu cunhado Raimundo Pereira Muniz, mais conhecido como Bodinho, nos contaram diversas história de

---

<sup>15</sup> Também conhecida como Ilha de Algodal.



encantados e visagens<sup>16</sup>. Sendo a de maior destaque os relatos referentes a Domingas, prima de Pai Pingo, que ainda jovem se encantou na maré e todos pensavam que tinha morrido, mas retornou da encantaria. Segundo eles, Domingas mencionava que andou pelo fundo onde existia uma cidade com muitas coisas bonitas e que inclusive pegou uma carruagem que a levou até a Praia do Lençol, podendo assim conhecer a encantaria de Rei Sebastião. Segundo Domingas, ela só não se encantou e assim conseguiu retornar, em decorrência de uma senhora idosa que não deixava ela comer nada lá, que segundo ela era Nossa Senhora disfarçada. Além dessa narrativa nos foram contadas diversas outras histórias, as quais muitas iam de encontro com as que foram apresentadas por Silva (2007).

Com relação a representação dos turcos no Monumental Místico do Rei Sabá, está clara a associação da Cabocla Jarina, dita filha de Rei Sebastião, e sua irmã que teria entrado de rebojo. No entanto, Mariana é uma entidade das águas salgadas, “revoltosa da marinha brasileira”, que vive embarcada no mar, seus vultos tendo muitas vezes um peixe entre seus pés e sua imagem mais comum ela está em pé sobre um barquinho.

Ela é uma florzinha miudinha  
Tão pequenina, nascida de um pé de dendê  
Olha seu pai é Rei Sebastião  
Ou é ou deixa de ser<sup>17</sup>

Lá fora tem dois navios  
No meio tem dois faróis  
É a esquadra da Marinha Brasileira, Marina  
Lá na praia dos Lençóis

Ela é marinheira (bis)  
Ela é revoltosa da Marinha Brasileira<sup>18</sup>

Outra questão, que Vergolino-Henry (2008) nos lembra é a história que Mariana com a sua esquadra da Marinha Brasileira salvou Jarina, que estava presa numa pedra na Praia do Lençol devido uma praga de seu pai. Como esta, existem outras histórias que falam sobre Jarina ou o próprio Rei Sebastião terem sido petrificados ou encantados devido a magia de uma bruxa. O que nos mostra diversas relações simbólicas como aspectos de petrificação dos encantados.

Podemos também enfatizar que apesar de terem narrativas mitopoéticas distintas, os turcos estão fortemente associados à Família do Lençol, aparentemente

<sup>16</sup> Termo amazônidas referente as assombrações ou acontecimentos sobrenaturais.

<sup>17</sup> Ponto cantado de Cabocla Jarina.

<sup>18</sup> Dois pontos cantados de Cabocla Mariana.

sendo considerada uma família agregada. Segundo Pai Tayandô no documentário “A descoberta da Amazônia pelos turcos encantados”, de Luiz Arnaldo Campos, o Rei da Turquia ao chegar na encantaria, vendo a cruz de cristo na armadura de Rei Sebastião parte para o ataque, mas ele pronuncia que a guerra acabou, revelando ao Rei da Turquia e seus súditos, que eles estão na encantaria. Aparentemente a grande distinção entre a família do Lençol e da Turquia seria a religião, uma moura (mulçumanos) ou de “cristãos novos”<sup>19</sup> e outra cristã, já que ambos são tratados semelhantemente e costumam vir juntos quando incorporados nos terreiros.

Já a presença de Zé Raimundo pode causar um estranhamento e um questionamento, como apontado por Anaísa Vergolino-Henry (2008), que proferiu:

Quanto ao encantado Zé (José) Raimundo Boji Buá Sucena da Trindade, ele é codoense sim<sup>20</sup>, mas, na sua biografia mítica, ele se apresenta como sendo “mais do mar do que da terra”<sup>21</sup> e, pela água do mar, tinha afinidade com a mãe e senhora lemanjá. (VERGOLINO-HENRY, 2008, p.146)

Conforme tivemos acesso a trajetória mítica de Zé Raimundo narrada por Pai Welbe (Babá Odé Onigbosina – Welbe Silva dos Santos), filho de santo de Pai Tayandô, compreendemos que este encantado era um turco que foi entregue a Légua Boji Buá por não ter se adequadado plenamente com a Família da Turquia e assim migrou para a Família do Codó, tendo recebido seu nome de Légua Boji Buá pelo fato ter ocorrido no dia de São Raimundo Nonato. Aspecto que mostra que tal encantado, contextualmente não está deslocado das outras representações simbólicas. Vergolino-Henry (2008) também lembrou, que dizem que Zé Raimundo “anda na beira do mar”, além disso temos diversos pontos cantados falam que ele é camaroeiro e que reforçam a sua afinidade com as águas.

Ele é camaroeiro...  
Das águas doces  
Ele é camaroeiro no Estado do Pará  
Ele é camaroeiro... (bis)  
Ele é camaroeiro no Maranhão

Mora na beira do rio<sup>22</sup> e corre mundo  
Filho de Légua Boji, é Zé Raimundo

<sup>19</sup> Os turcos supostamente teriam adotado o cristianismo na encantaria.

<sup>20</sup> Citação de Ferretti (2000).

<sup>21</sup> Citação de Prandi & Souza (2004).

<sup>22</sup> Devemos destacar que na região do Salgando rio e canais de mares (braços de mar que adentram o continente conforme as marés) se confundem geograficamente.

Após termos nossa devida apresentação do Monumental Místico do Rei Sabá, ciceroneada pela Cabocla Juliana, fomos explorar a localidade e interagir com os diversos grupos que prestavam as suas homenagens ao Rei Sabá. Visualizamos muitas oferendas sendo feitas, na pedra do Rei Sabá, assim como nos vultos, que muitas vezes ganhavam assessórios e até roupas, além de muitas frutas e bebidas da qual se destacavam garrafas de vinho, cachaça e champanhe. Também percebemos que pessoas aparentemente da população local coletavam muitas daquelas oferendas, inclusive as garrafas de bebida e frutas. Nossos olhares também se direcionaram a diversas oferendas feitas com princípios ecológicos, onde alguidares, garrafas e materiais não perecíveis não eram ofertados, utilizando-se de suportes de cuias para as bebidas e folhas para as comidas. Aspecto que demonstra uma inserção de uma consciência ambiental pelos religiosos e a ideia de preservação do local.

Posteriormente nos aproximamos de um grupo de religiosos que se encontravam do outro lado do platô, perto de onde fica o Coração da Princesa, que tocavam tambores e cantavam, momento em que a Cabocla Juliana se despediu e Pai Pingo deu passagem para Zé Pelintra, que começou a interagir com esse grupo, cantando suas doutrinas e chamando outros malandros para baiarem<sup>23</sup> na encantaria do Rei Sabá. Aspecto que nos mostra o quanto as religiões afrodiáspóricas se mantem aberta para diversas possibilidades, pois ali tínhamos ícones encantados dos catimbós nordestinos e da malandragem carioca e nordestina, entidades que foram incorporadas ao Tambor de Mina pelas Pajelanças e Umbandas e que se faziam presentes, sem a menor inibição de raiarem junto dos encantados do Tambor de Mina (Figura 7).



**Figura 7** Caboclos baiando na praia do Monumental Místico do Rei Sabá. Sem camisa com chapéu de malandro Pai Pingo incorporado com Zé Pelintra, de azul sua irmã de santo Glaiusa, de roupa vermelha rendada Rosa Malandro (dita companheira de Zé Pelintra) em pai de sando não identificado e outras entidades não identificadas e abatazeiros<sup>24</sup> tocando, Fonte: fotografias de Diogo Melo, 2016.

<sup>23</sup> Baiar e o mesmo que dançar ao som dos atabaques ou um momento de ritualística.

<sup>24</sup> Percussionistas que tocam os tambores, abata.

Por fim, devemos destacar que em inúmeros momentos em nossa estada no Monumental Místico do Rei Sabá diversos afroreligiosos falavam que ali era um lugar de encantaria, que existia um castelo encantado e que nada poderia ser levado de lá, pois corríamos o risco de irritar o Rei Sabá. Em conversa com a Mãe Glaiusa, irmã de santo de Pai Pingo, nos falou que encontramos muitas coisas bonitinhas por lá, pedrinhas, conchinhas e joias, mas que não poderíamos pegar nada apesar de ficarmos tentados, pois ele poderia afundar o barco durante o nosso retorno, pois estes seriam parte dos tesouros do Rei Sabá.

Fala que me faz lembrar dos fósseis, que poderiam ser vistos como parte dos tesouros do Castelo do Rei Sabá, pois lá conseguimos visualizar diversos deles aflorando, como esse gastrópode de mais de vinte centímetros, que identificamos como sendo da espécie *Turbinella tuberculata* (Figura 6). Um táxon que pode alcançar tamanhos gigantescos, e que já foram encontrados diversos exemplares na Ilha de Fortaleza, inclusive com aproximadamente dois metros de comprimento, uma ocorrência fossilífera fantástica, digna de uma encantaria<sup>25</sup>. Característica que foi evidenciada pelo paleontólogo Cândido Simões Ferreira (1964), quando descreveu a espécie mencionou a existência de um exemplar com 50cm de altura o qual não conseguiu coletar. Tal fala também reforça uma concepção de preservação, já que de alguma forma evita o impacto e a destruição do local. Conforme nossas observações, evitando os detritos sólidos não biodegradáveis e agora evitando a depredação do lugar.

Devemos ainda mencionar o nosso retorno mais recente ao Monumental Místico do Rei Sabá, realizado no dia 30 de novembro, para identificarmos o que mudou nesses seis anos<sup>26</sup>. Dia escolhido em decorrência do feriadão de finados e por sabermos que Pai Pingo estaria em sua casa em São João de Pirabas. Nos deslocamos de manhã cedo para a cidade e por coincidência nos deparamos com as festividades do Círio de Nossa Senhora de Nazaré e como a maré se encontrava baixa, impossibilitando a travessia pela manhã, pudemos participar da festividade da santa. Vendo a romaria e sua chegada na Igreja da Matriz.

Depois fomos tentar fazer a travessia e conseguimos uma embarcação para nos aportar novamente na praia onde fica o Castelo do Rei Sabá. Chegando lá, não percebemos grandes diferenças em relação ao patrimônio natural, pois a pedra do Rei Sabá estava conforme lembrávamos, no entanto, os vultos já tinham sido todos

<sup>25</sup> <http://projetocaramujoafricano.blogspot.com/2012/01/ufpa-estuda-fossilde-caramujo-gigante.html>

<sup>26</sup> Viagem que realizei como minha bolsista de pesquisa Ana Cristina Silva Souza e duas amigas do Tambor de Mina a Mãe Ofalocy (Janayna Vilhena) e a Vodunsi ponsilê Walcilene Lopes.

destruídos pelo intemperismo, sobrando apenas vestígios de sua existência, como as suas bases de concreto e partes referentes aos pés e pernas e da lemanjá partes do corpo (Figura 8). O que deixa evidente que ao longo destes anos não houve uma manutenção e um investimento público com o Monumental Místico do Rei Sabá e nos mostra que ele não está mais com tanta visibilidade ou em sintonia com o projeto turístico de Pirabas ou que o mesmo só ocorre pontualmente perto do momento da festividade<sup>27</sup>. Apesar disso, eram notórias as oferendas, que demarcavam o espaço como um lugar de culto e que o evidencia como um lugar de memória, patrimônio e fratrimônio. Não conseguimos ir ao assentamento de Oxumaré e nem no coração da princesa para averiguar seu estado de conservação, pois precisaríamos retornar em pouco tempo para a embarcação.



**Figura 8** Imagens do Monumental Místico do Rei Sabá em 2021, evidenciando os vestígios oriundo dos vultos. Fonte: fotografias de Diogo Melo, 2021.

### Considerações finais

Abordar questões a partir de uma perspectiva do patrimônio integral é um exercício complexo ao qual integramos diversas instancias de saberes e reconhecemos que não daremos conta de tal complexidade. Logo nesse processo invocamos diversas instância patrimoniais, pensando para além das relações tangíveis e intangíveis, mas as que se comungam entre o natural e cultural, para apresentarmos um panorama perceptivo de uma dada realidade e sua complexidade.

<sup>27</sup> Estamos nos planejando para retornar à localidade no dia 20 de janeiro de 2022 para averiguar se ocorreu alguma intervenção no Monumental Místico do Rei Sabá.

Assim, sendo este justamente o exercício que tentamos desenvolver neste trabalho, partimos do patrimônio natural, somado aspectos da paisagem e da geodiversidade, e evidenciamos a importância de um afloramento fossilífero do Mioceno Inferior, também emergido nas questões simbólicas do imaginário, nas mitopoéticas, para entendermos as diversas relações postas pelas religiões afrodiáspóricas amazônicas que reconhecem esse local como um lugar sagrado, chamado de encantaria.

Local onde a diversidade de entidades se faz presente simbolicamente, como o Rei Sabá, o Rei Sebastião com sua família de gentis, assim como a corte da Turquia com as caboclas Jarina e Mariana e até Zé Raimundo que transitou para família do Codó, sem esquecer de nossa anfitriã, a Cabocla Juliana e dos malandros. Temos também a representação de lemanjá como a divindade do mar e até a representação de Oxumaré, que evoca a serpente encantada e o arco-íris. Todos nos mostrando a potencialidade e diversidade de mitopoéticas deste local.

Por este fato, que a conceituação de patrimônios ganha destaque, exaltando outras formas de reconhecimento de mundo e outras perspectivas, pois sabemos que as culturas afrodiáspóricas e indígenas foram, e ainda são, atacadas e dizimadas pela colonialidade e devemos trazer os seus protagonismos diante das questões patrimoniais. Logo, é mais do que imprescindível elevar essas culturas e colocá-las na instância de um exercício de resistência. E com isso, devemos exaltar outras relações simbólicas possíveis, como a de visitar o castelo encantado de Rei Sebastião e ser ciceroneado por uma princesa encantada, descobrir tesouros, inclusive paleontológicos, e dançar e cantar com Zé Pelintra e Rosa Malandro em uma praia paradisíaca, onde o Rei Sabá repousa petrificado, devaneia e rege toda essa complexidade do existir no mundo.

## Referências

CHAGAS, Mario de Souza. *A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilbert Freyre e Darcy Ribeiro*. 2003. 257 f. Tese (Doutorado e Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mario de Souza. Patrimônio é o caminho das formigas... In: CASTRO, Maurício Barros de; SANTOS, Myrian Sepulveda dos (Orgs.). *Relações raciais e políticas de patrimônio*. Rio de Janeiro: Azogue Editorial, 2016, p.141-163.

FERREIRA, Cândido Simões. Contribuições à paleontologia do Estado do Pará: um novo Xancus da Formação Pirabas: VII (Mollusca-Gastropoda). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Geologia*, n.10, 1964, p.1-11.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *Desceu na guma: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – A Casa Fanti ashanti*. São Luís: EDUFMA, 2000.

- JAGUN, Márcio de. *Yorùbá: vocabulário temático do candomblé*. Rio de Janeiro: Litteris, 2017.
- LIMA, Helena Pinto. *Patrimônio para quem? Por uma arqueologia sensível*. Revista *Habitus*, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2019, v.17, n.1, p.25-38.
- LUCA, Taissa Tavernard. *“Tem branco em guma”*: a nobreza europeia montou corte na encantaria mineira. 2010. 259 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- LUZ, Natalia da. *Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência*. Por dentro da África, 2014. Retirado de <http://www.pordentrodaafrica.com/>.
- MAURY, Carlota Joaquina. *Fósseis Terciários do Brasil com descrição de Novas Formas Cretáceas*, (Monografia 4). Rio de Janeiro: Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1925.
- MELO, Diogo Jorge de. *Festas de encantarias: as religiões afro-diaspóricas e afro-amazônicas, um olhar fratrimonial em Museologia*. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2020.
- MELO, Diogo Jorge de; FAULHABER, Priscila. Considerações sobre o conceito de fratrimônio. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURSINO, Alan. *Museologia e Patrimônio*, v.8, 2021, p.213-233.
- MELO, Diogo Jorge de; ROSI, Marcos Henrique de Oliveira Zanotti; BARROSO, Gisele Nascimento. *Imaginários afro-diaspóricos e a mitopoéticas amazônica dos Surrupiras*. Revista *Sentidos da Cultura*, UEPA, v.8, n.14, 2021, p.98-117.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, v.10, 1993, p.7-28.
- PARÉS, Luís Nicolau. *O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PEREIRA, R. G. F. A.; RIOS, D. C.; GARCIA, P. M. P.. *Geodiversidade e patrimônio geológico: ferramentas para a divulgação e ensino das Geociências*. Revista *Terrae Didática*, v.12, n.3, 2016, p.196-208.
- POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- PRANDI, Reginaldo; SOUZA, Patrícia Ricardo de. Encantaria de Mina em São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo. *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p.216-280.
- REGO, José de Moraes. *Litolatria: culto das pedras no Estado do Pará*. Belém: 1983.
- RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- SCHEINER, Tereza Cristina. *Repensando o museu integral: do conceito às práticas*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v.7, n.1, 2012, p.15-30.
- SILVA, Cassio Roberto da; MARQUES, Valter José; DANTAS, Marcelo Eduardo; SHINZATO, Edgar. Aplicações múltiplas do conhecimento da geodiversidade. In: SILVA, Cassio Roberto da (Ed.). *Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado para entender o presente e prever o futuro*. Rio de Janeiro: CPRM, 2008, p.181-204.
- SILVA, Gerson Santos e. *Encantados da “fortaleza” insular: D. Sebastião, natureza em uma história cultural na Amazônia*. 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- TÁVORA, Vladimir de Araújo; FERNANDES, Antônio Carlos S.; FERREIRA, Cândido Simões. Ilha de Fortaleza, PA – Expressivo registro de fósseis do Cenozóico marinho do Brasil. In: SCHOBENHAUS, Carlos; CAMPOS, Diogenes de Almeida; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de; WINGE, Manfredo; BERBERT-BORN, Mylène Luíza Cunha (Eds.). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*, v.1. Brasília: DNPM, 2002, p.139-144.
- TÁVORA, Vladimir de Araújo; SILVEIRA, Eric Sandro Ferreira da; NETO, João Marinho Milhomem. Mina B-17, Capanema, PA - Expressivo registro de uma paleolaguna do Cenozóico

---

brasileiro (Sítio 121). In: WINGE, Manfredo; SCHOBENHAUS, Carlos; SOUZA, Celia Regina de Gouveia; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; BERBERT-BORN, Mylène; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de; CAMPOS, Diógenes de Almeida (Eds.) *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*, V.2. Brasília: DNPM, 2009, p.363-370.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

VERGOLINO-HENRY, Anaísa. *Um encontro na encantaria: notas sobre a inauguração do "Monumental Místico do Rei Sabá"*. In: MAUÉS, Raymundo Herald; VILACORTA, Gisela MacAMBIRA (Orgs.). *Pajelanças e religiões africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008.

WHITE, Charles A.. *Contribuição à Paleontologia do Brasil*. Arquivos do Museu Nacional, 7, 1887, p.1-273.

WINGE, Manfredo; SCHOBENHAUS, Carlos; SOUZA, Celia Regina de Gouveia; FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; BERBERT-BORN, Mylène; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de; CAMPOS, Diógenes de Almeida (Eds.). *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*, v.2. Brasília: CPRM, 2009.

---

Data de recebimento: 25.01.2022

Data de aceite: 17.03.2022